



CORAÇÕES... NA ESCOLA: AMOR EM COTIDIANOS ESTUDANTIS

Tiago Amaral Sales [*]

O amor permeia as vidas e as cotidianidades de diferentes formas. Através da atenção mobilizada pelo autor – que é professor e pesquisador – aos corações que permeiam a escola, realizaram-se registros fotográficos e escritos durante cerca de um ano de pesquisa-docência. Nos espaços escolares, além dos conhecimentos curriculares maiores, também se aprende a conviver e relacionar-se com o outro artesanalmente, e é justamente nestes processos de produção subjetiva e criação de currículos outros que este texto foca. Os corações grafados nas mesas, muros, janelas e portas escolares, nas cartas de amor, nos cartazes e nos cadernos são os protagonistas para a criação de escritas-encontros em cartografias, inspiradas nas possibilidades de autoficcionar e poetizar os encontros e os trajetos vividos.

Palavras-chave: Amor e Juventude. Escola. Educação. Cartografia. Coração.

HEARTS... AT SCHOOL: LOVE IN STUDENT EVERYDAY LIFE

ABSTRACT

Love permeates lives in different ways. Through the attention mobilized by the author – who is a teacher and researcher – to the hearts that permeate the school, photographic and written records were made during about a year of research-teaching. In school spaces, in addition to bigger curricular knowledge, one also learns to coexist and relate to others in an artisanal way, and it is precisely these processes of subjective production and creation of other curricula that this text focuses on. The hearts written on tables, walls, windows and school doors, in love letters, on posters and in notebooks are the protagonists in the creation of writing-encounters in cartographies, inspired by the possibilities of autofiction and poeticizing the encounters and lived paths.

Keywords: Love and Youth. School. Education. Cartography. Heart.

CORAZONES... EN LA ESCUELA: EL AMOR EN EL COTIDIANO DEL ESTUDIANTE

RESUMEN



El amor impregna la vida cotidiana de diferentes maneras. A través de la atención movilizada por el autor – docente e investigador – hacia los corazones que impregnan la escuela, se realizaron registros fotográficos y escritos durante aproximadamente un año de investigación-docencia. En los espacios escolares, además de un conocimiento curricular mayor, también se aprende a vivir y relacionarse con los demás de manera artesanal, y son precisamente estos procesos de producción subjetiva y creación de otros currículos que se centra este texto. Los corazones escritos en mesas, paredes, ventanas y puertas de escuelas, en cartas de amor, en carteles y cuadernos son protagonistas en la creación de escrituras-encuentros en cartografías, inspiradas en las posibilidades de la autoficción y poetizando los encuentros y caminos vividos.

Palabras clave: Amor y Juventud. Escuela. Educación. Cartografía. Corazón.

INTRODUÇÃO: PEITO ABERTO

*“Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer que não existe razão?”
Renato Russo*

Uma certa ânsia movimenta o mundo: o amor, a paixão, o desejo, a vontade de se encontrar, de se entregar, de se misturar, de ser e de estar junto. É no contato que se percebe e constrói: aprende-se com os encontros. Nestes caminhos do coração emerge esta pesquisa: nas investigações imbricadas no amor e nas vivências que se fazem em cotidianos estudantis. O feitor das linhas de escrita-pesquisa-vida é o cartógrafo, um humano fascinado pelos encantos amorosos possíveis de serem vividos. Ele, um jovem pesquisador em educação e professor, é também um buscador das paixões e intensidades. Como já canta Beth Carvalho, “Só o amor me ensina onde vou chegar”¹. E, na procura, saiu a viver e andar.

Nestas andanças, caiu no curso de Ciências Biológicas. Apaixonado pelas múltiplas formas de vida, lá se encontrou, na medida em que também se perdia. Chico César já ressaltava que “Caminho se conhece andando, então de vez em quando é bom se perder”². Nas derivas de estudo-vida, decidiu seguir na educação – seja lá o que isto, de fato, significasse: foi percebendo que algumas respostas apareceriam com o tempo, e outras questões seguiriam ressoando, por dentro.

¹ Música *Andanças*, composição Edmundo Souto, Danilo Caymmi e Paulinho Tapajós, gravada e eternizada pela cantora Beth Carvalho.

² Música *Deus me Proteja*, de Chico César.



No meio da graduação, pensou... ou melhor, sentiu: e se eu for professor?³ E foi. Seguiu este chamado do coração... e do mundo, das demandas, do mercado de trabalho, das cobranças, das necessidades de se ter uma profissão, de seguir em um trajeto que se anunciava como minimamente seguro, mesmo com todas as incertezas, inseguranças e pedras nos caminhos professorais. Coursou, assim, a licenciatura, na aventura de imergir nas interfaces entre as ciências da natureza e a educação. Percebeu, também, na poética e na escrita, potências intensivas à pesquisa e à educação.

Depois de se formar, fez mestrado e doutorado, ambos em educação. No fim do doutoramento, foi convocado a voltar à educação básica. Direcionou-se a duas escolas públicas localizadas em diferentes localidades periféricas de sua cidade de porte médio do interior do Brasil, experiências que o levaram a intensas e extensas jornadas de trabalho. Lá, passou um ano imerso da cabeça aos pés no ensino, até que foi chamado – depois de um árduo e sangrento processo seletivo – para migrar de um estado a outro, cruzando o país, indo trabalhar em uma universidade na formação de professores/as. Porém, após esta ‘partida’, percebe que em seu peito permanece vivo muito do que vivera na escola, tanto neste um ano após tornar-se doutor, quanto em outros momentos de docência e de toda a sua trajetória enquanto estudante.

No cenário – caótico, intenso, visceral, logo, potentemente vivo – da educação básica pública, durante o tempo em que esteve atuando como professor das disciplinas de ciências da natureza e biologia, buscou seguir com o coração, de peito aberto. Na verdade, aquela era uma certa ética de vida que ele tinha: abrir-se. Ecoavam no vento algumas sintonias da música da banda Kid Abelha: “Onde estiver, esteja... Onde está, meu peito aberto...”⁴ Aprendera com a vida a ser assim, sincero, e acreditar – talvez até demais – nos outros, nas palavras ditas, nos acontecimentos. Ao lecionar também era assim: acreditava... nos/as estudantes, nos/as colegas, na potência dos encontros. Acreditava, sobretudo, na força da vida. Sentia-se quase sempre com

³ Penso na formação de professores/as que acontece poeticamente com as afecções e com os corações no texto *Quando o cartógrafo vai a campo: travessias e poéticas de um jovem professor* (SALES, 2022a). Outras cartografias resultantes deste meu imbricar na educação básica estão lá presentes: “Acompanhar o cartógrafo nestas travessias, em suas poéticas que versam sobre estranhamentos e experimentações, é também aprender com ele. Revisitar os seus registros mostra o sinuoso trajeto de formação docente que acontece aquém, entre e além da licenciatura e da pós-graduação stricto sensu. Também permite cartografar as intensidades que se fazem na educação escolar, nos encontros entre professores-estudantes-escolas-e... e... e... Dessa maneira, tais linhas deixam em aberto um futuro a ser criado e vivido, com as dores e delícias do magistério, com a potência de um presente preñado de porvires possíveis” (p. 39).

⁴ Música *Peito Aberto*, de Paula Toller e George Israel.



o peito aberto ao mundo. Essa atitude de estar de verdade, estar por inteiro, com intensidade e o corpo poroso ao que o atravessa é algo que demanda muita coragem, percebeu. Às vezes também sentia que aquilo era um grande risco – e era mesmo!

Quando o coração ficava na mão, sentia-se inseguro: peito apertado com as intempéries e imprevisibilidades que atravessam a docência-vida. Pensava: ‘Será que darei conta de tantas aulas, preencher diários, formular avaliações, participar de reuniões? Estou conseguindo cumprir com as demandas que preciso nas escolas, na minha casa, nas minhas relações pessoais, nos meus estudos?’ Fora daqueles espaços de trabalho, tinha toda uma vida a seguir vivendo. Isto de ‘dar conta de tudo’ é uma grande imposição e problema na educação, sentia ele, sendo mais uma artimanha neoliberal para investir na manutenção de uma sociedade do cansaço – como bem afirma o filósofo Byung-Chul Han (2017) acerca deste nosso tempo, produtor de exaustões advindas de um excesso de positivação.

Se o coração bater em descompasso, se a respiração for sufocada, se as sinapses não acontecerem como deveriam, é sinal de que precisamos urgentemente procurar ajuda, senão esta aventura chamada vida, pode se esvaír num milésimo de segundo. Mas, e quando no nosso dia a dia, como professores (as) nos sentimos em descompasso, sufocados, com emoções negativas, sem motivação e infelizes? É um sinal de alerta... uma “sirene” em alto e bom som está tocando em nossas escolas. Um pedido de socorro de educadores(as), mas que corriqueiramente não percebemos, ou melhor, não o escutamos (AZZOLIN; BARCELOS, 2022, p. 2).

Perceber os limites é uma tarefa dura, porém necessária. Estar atento aos descompassos da vida e do coração, como bem pontuam Maria Azzolin e Valdo Barcelos (2020), é algo necessário para ser e fazer-se na docência segundo um caminho do amar. E, para tal, é preciso estar atento/a ao que esgota, esvai e drena nesta profissão, criando estratégias, posturas de luta e de modificação daquele cenário que é socialmente colocado.

A exaustão era um perigo cotidiano a se fugir. Via que aquele cansaço não era só seu: transbordava em seus colegas e ressoava também em seus estudantes no ensino básico – o que percebeu também ser uma realidade na educação universitária. Era uma multidão que, em muitos dias, se apresentava esvaída de energia, de sonhos e de perspectivas. Mas, como afirmam os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2019), “o deserto também é povoado” (p. 56): lá naqueles chãos das escolas, em meio aos cansaços, também existia muita vida. Eram existências pulsantes à procura de motivos para seguir – aprendendo, vivendo, sonhando, existindo, sendo o que eram e se transformando. Movidas a paixões, desejos, ânsias... instigadas pelos amores?



O cartógrafo e jovem professor percebe-se – dentro e fora da escola – como um seguidor das coisas pelo coração, sentindo o mundo em que percorre e que o atravessa, pulsando, pulsando. Inspirou-se em bell hooks (2020) na artesanaria de cultivar o amor como ética de vida e, assim, de peito aberto, busca sentir, seguir com o seu “corpo vibrátil” (ROLNIK, 2016) ativo e atuante nos territórios em que habita: deixar-se permear pelo mundo que o circunda, e que ele também compõe.

Apesar de, em meio ao caos, viver de amor, ele não quer romantizar o trabalho professoral, maneira pouco potente que ele tanto critica de ver o exercício laboral que fornece o seu salário a duras custas. Tenta, assim, ter olhos problematizadores aos territórios que percorre, buscando que os/as estudantes assim também o façam. Sabe que, como bem pontuaram Azzolin e Barcelos (2020), “O amar é entregar liberdade e construir um mundo com o outro. E o mundo está aí para ser visto, percebido. No entanto, o ver, o perceber, depende de nós e não do mundo. Almejamos que nosso cotidiano escolar propicie um ambiente de bem-estar no fluir desse viver/conviver” (p. 5). Os autores (AZZOLIN; BARCELOS, 2020), inspirados na filosofia de Humberto Maturana, propõem que os sujeitos escolares se engajem na construção de caminhos do amar em seus espaços de trabalho-estudo-vida e, com isso, o cartógrafo e jovem professor se inspira para seguir.

No chão da escola⁵, o cartógrafo-professor encontrou bolinhas de papel, aviõezinhos, pontas de lápis e múltiplos objetos. Encontrou pessoas: professores e professoras, supervisoras, diretoras, faxineiras, merendeiras, estudantes, mães, pais, avós, diferentes concepções de família... Encontrou currículos impostos de cima para baixo, institucionalizados, e outros movimentados a partir dos cotidianos, dos desejos, dos acontecimentos. Também encontrou bilhetes e cartas... de amor? No pulsante território escolar, entre rabiscos, riscos, imagens fálicas, desenhos e escritas, achou corações. Muitos corações... corações na escola! Dentro do peito de cada sujeito escolar, batendo. Dentro dos papéis, guardando segredos, na medida em que transbordam ao mundo os afetos que já não conseguem mais ser contidos. Nas paredes e carteiras, expondo ao mundo um amor gritante e urgente.

⁵ Em referência ao termo utilizado por pessoas que trabalham, pesquisam e vivem diretamente às escolas e às suas realidades, em referência ao que lá acontece.



Nos corações pela escola, encontrou um sopro de vida, inspirado em Clarice Lispector (1978), para seguir no duro trabalho que tanto lhe consumia e demandava força. Percebe na juventude também aquela inspiração em um currículo desviante aos ditados pelas diretrizes e bases estatais: um currículo dos corações, dos amores, das paixões. É um currículo que rompe grades e instaura maneiras inéditas de ser e de estar: formas de amar. Também cai nos riscos de se territorializar e chegar no que foi prescrito, ditado e criado culturalmente. São as tensões indissociáveis entre poder e resistência, como tão bem nos ensinou Michel Foucault (2013).

Assim, a mobilização dos corações, das cartas, das escritas na parede, das declarações públicas e das silenciosas eram, então, frestas aos jovens estudantes para habitarem aquele território que, em muitos momentos, se mostrava inóspito nas tramas curriculares e amarras disciplinares. Percebe que pode pensar, viver e pesquisar os currículos e a educação como acontecimentos (SILVA; CORAZZA; ZORDAN, 2004). Nas brechas dos seus momentos de trabalho escolar, começou a registrar com escritas, em seus cadernos e blocos de notas, e com fotografias, no celular, tais corações, guardando marcas do amor em cotidianos estudantis.

Como canta Milton Nascimento: “Coração de estudante, há que se cuidar da vida, há que se cuidar do mundo. Tomar conta da amizade, alegria e muito sonho espalhados no caminho. Verdes planta e sentimento; folhas, coração, juventude e fé...”⁶ Corações pulsantes. O dele também. Desse modo, nestes caminhos de um peito aberto aos encontros na vida e na educação cartografados por um jovem professor, este texto busca forjar um arquivo de corações na escola, em trajetos de amores estudantis possíveis de existirem nestes espaços.

Dessa forma, este texto escrito como um modo de vida⁷ que acontece entre encontros pulsantes – pelas escolas, pelos corpos, e... – foi dividido em diferentes partes. Nesta seção introdutória, em que se abre o peito para ressoar em educações afectivas; na seguinte, intitulada *Modos de Pesquisamor*, em que são apresentados os caminhos cartográficos de pesquisa com o amor e com os corações em espaços estudantis; a seção *Amor em Espaços Escolares*, em que se percorre diferentes trajetos pela escola com os corações lá presentes, nas subseções *Re-*

⁶ Música *Coração de Estudante*, de Wagner Veiga e Milton Nascimento.

⁷ “A própria escrita é, ao ser assim mobilizada, um modo de vida, de atravessar, de forjar caminhos: escrevo para viver as mudanças, para senti-las, para saborear as dores e delícias das travessias” (SALES, 2023a, p. 5). Sobre modos de viver com a escrita e como esta pode ser mobilizada na educação e em diferentes perspectivas de pesquisa neste campo, sugiro o texto *A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação* (SALES, 2023a).



tornar-se, O amor na/com/pela docência, Cartas de amor, Corações nos lixos, Corações rabiscados, Corações... em vermelho vivo, Corações nos papéis e Corações partidos. Por fim, estão as Considerações Finais e os Agradecimentos.

MODOS DE PESQUISAMOR

*[...] o único método é um amor extremamente intenso pelo saber, uma paixão selvagem, bruta e indócil pelo conhecimento sob todas as suas formas e em todos seus objetos.
Emanuele Coccia (2018, p. 118)*

Um desejo por conhecer as coisas tem movimentado o cartógrafo-professor até aqui. Foi assim desde a educação básica quando era estudante, na graduação, na pós-graduação e também ao voltar para “lá” – na escola e na universidade – como professor. Inspirado no que o filósofo Emanuele Coccia (2018) coloca, percebe que o seu método não tem certo ‘ineditismo recalcado’ que busca ser diferente: é só o jeito que encontra para percorrer os seus trajetos de pesquisa-vida, de investigar, de se jogar na “paixão selvagem, bruta e indócil pelo conhecimento” (p. 118).

Para pesquisar os corações – e amores – na escola, inspirou-se na cartografia, mobilizando-se a partir de um corpo vibrátil (ROLNIK, 2016), deixando-se afetar pelas tantas narrativas que lá apareciam. Assim, foram tecidas cartografias em escritas-encontros, deixando fluir as linhas que pediam passagem ao encontrar-se com os corações escolares, com o que ressoava nas vidas estudantis e docentes, com o que extravasava.

Junto dos trajetos cartográficos, entrou em movimentos de autoficcional a realidade, já que, como reflete o dramaturgo e escritor Sergio Blanco: “Toda escrita é um ato de traição da realidade pela simples razão de que os mecanismos de poetização mudam, alteram, perturbam, transformam” (BLANCO; CAMPANELA; CONCÍLIO, 2023, p. 11). Assim, “Autoficcionalizar-se é como transicionar: embaralhar os traços do vivido” (BLANCO; CAMPANELA; CONCÍLIO, 2023, p. 11). Dessa maneira, reconhece-se que “A potência da escrita autoficcional para a (pesquisa em) educação reside justamente na sua maneira transdisciplinar de brincar com o vivível, pegando carona nos acontecimentos que formam e transformam os sujeitos” (SALES,



2023a, p. 8). Nos encontros entre-corações, pela escola, encontrou-se brechas para sonhar, delirar, escrever, viver e amar, com a educação.

Durante cerca de um ano em que habitou estes espaços escolares, realizou registros fotográficos de corações grafados nas paredes, mesas, cadeiras, portas, vidros, chãos, e... e... e...⁸ escolares. Também pôde ver cartas de amor, cartazes e murais permeados de múltiplos corações. Todas estas visualidades registradas com o seu celular compuseram com escritas que se fizeram no encontro intensivo entre imagens e palavras, embaralhando o vivido, os desejos, em fricções entre ficção e realidade – instâncias estas que acontecem no entre e são produtoras de maneiras outras de se relacionar e compor o mundo.

A sinceridade para ver, escutar e criar, junto dos/as estudantes nas aulas, deu espaço para as escritas que se seguem, misturando certo tom confessional com a possibilidade de friccionar, ficcionalizar e criar junto das fotografias, pela cartografia de territórios estudantis. O desapego de qualquer pretensão de verdade lhe trouxe leveza e liberdade para ler, escrever e viver com o coração. Percebeu nas poéticas possibilidades de instaurar diálogos entre os acontecimentos⁹ de vida-educação, e foi nestes caminhos de pesquisa-docência-vida que investiu neste trabalho.

A articulação de percepções do mundo que se propõe não se limita às tentativas de ‘representar a realidade’, mas se coloca ativamente nas possibilidades de criar mundos, de ensaiar maneiras de vislumbrar as coisas, de manipular as palavras e as imagens para transver o mundo, como bem ensinou o poeta Manoel de Barros (2010): “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (p. 350). As composições entre fotografias e escritas, com o que vem do coração, são, então, tentativas de transver o mundo.

Em uma abordagem transdisciplinar, promíscua e de inspirações antropofágicas, articula-se uma amplitude referencial – filosófica, educacional, artística, e... – que possa ser potente às criações com os corações. Para tal, intercalam-se e misturam-se escritas

⁸ Em referência ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2019).

⁹ O filósofo Gilles Deleuze (1974) afirma, acerca do conceito de acontecimento, que: “Todos os corpos são causas uns para os outros, uns com relação aos outros, mas de que? São causas de certas coisas de uma natureza completamente diferente. Estes efeitos não são corpos, mas, propriamente falando, “incorporais”. Não são qualidades e propriedades físicas, mas atributos lógicos ou dialéticos. Não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos” (p. 5).



imanentemente poéticas, imagens, conceitos, e..., na composição de paisagens pulsantes de corações e que acontecem no/com o coração.

Nas narrativas, mesclam-se momentos em que escreve em terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural. Na terceira pessoa, faz-se isso como quem narra a trajetória de um cartógrafo-professor. Já em primeira pessoa do plural percebe que todos/as que se encontram com este texto, na medida em que o percorrem e também entram em velocidades com suas narrativas, participam dos movimentos de escrita-docência-vida.

AMOR... EM COTIDIANOS ESCOLARES?

*Escrevo como quem manda cartas de amor
Emicida*

Re-tornar-se

Retornar.

Encontros, união.

Deslocar, imergir.

Permitir tornar-se outro.

Sentir a pulsação.

Transformar, aventurar.

Tentar professorar...

Uma ética do amor (hooks, 2021), com o coração.

Em um dia qualquer, retorna à escola. É um novo começo depois de quase dois anos afastado da docência. A sensação de insegurança preenche o jovem professor, indo ao encontro de possibilidades outras de ensaiar as suas práticas de ensinar. Percebe que as salas, assim como ele, já não são mais as mesmas de quando estivera naqueles espaços como estudante: agora ele



é outro, e os tempos também. Talvez nunca foram tão distantes: são escolas que jamais havia pisado, então é tudo intensamente novo.

Voltar a lecionar é colocar em movimento muito do que aprendera na sua vida e fazer jus à formação, enquanto licenciado em Ciências Biológicas, mestre e doutor em Educação. Sabe ele que, ao estar lá, retomando o seu ofício, aprenderá ao ensinar e, quiçá, poderá mobilizar parte daquilo em suas pesquisas em educação. Percebe que quer tanta coisa naquele retorno, com todo um repertório tatuado em seu corpo após anos de intenso estudo. Ressoa, ao fundo, a voz de Caetano Veloso: “Ah, bruta flor do querer...”¹⁰.

São muitos os querereres de uma vida na educação. Sobre os querereres de um currículo, inspira-se no trabalho de Livia Cardoso e Marlucy Paraíso (2015), ao pensarem no que quer e no que faz um currículo de ciências interessado em modular questões de gênero e sexualidade. Assim, “pode-se dizer que querereres não é seres, mas sim estares; que querereres não é sempre igual, ele é infinito; que querereres não quer só assim, sempre quer sem fim, para si, para suas mutáveis fantasias” (CARDOSO; PARAÍSO, 2015, p. 173). Ao deslocar estas percepções de currículos, querereres e processos de produção de subjetividade aos corações que habitam os cantos e as vidas escolares, percebe que lá está o desejo, a vontade a transbordar em seu corpo: seguir pesquisando, cultivar um olhar atento e curioso ao mundo que o circunda e que compõe na sala de aula.

Na escola, certas cenas chamam a sua atenção. Neste texto, foca-se no que vem do coração. Nas mesas, muros e cadeiras riscadas, nas janelas pintadas e quebradas, também nos bilhetes e cartas feitos de cadernos rasgados e corpos debruçados no querer e fazer-se: os corações estão por todos os lugares. Batem, ecoam, pulsam.

O coração está em mim, em você, em todos nós. Nos mantém vivos. Nos conecta em silêncio. Um simples <3 e já compreendemos. É o coração. Mas não só. Há muito mistério ali entre o < e o 3. Não são sístoles ou diástoles ou miócitos que estamos imprimindo no desenho do coração. É um dizer sem palavras daquilo que verdadeiramente nos faz humanos. Das emoções. Do amor (CARVALHO; GUIDO, 2018, p. 120).

Daniela Carvalho e Lúcia Estevinho Guido (2018), ao observar corações disseminados em diferentes espaços – urbanísticos, midiáticos, educativos – provocam a pensar no coração que habita em cada um e que pulveriza por aí, nas mensagens, nos ecoares, nos querereres, nos

¹⁰ Música *O Quereres*, de Caetano Veloso.



muros, nos currículos, nas ciências, nas biológicas, nas emoções, nos amores. O que se pode aprender com os corações? De que maneiras estes ocupam territórios e bombeiam afetos que pedem vazão?

Para as autoras, estampar corações por aí, jogando-os ao mundo, é ter a coragem de pulsar com a vida que em cada um transborda e, enfim, resistindo ao medo, poder amar:

Mas não estaríamos na contra corrente do nosso tempo tão líquido? Estampar o amor por aí? Congregar pessoas a se sensibilizarem? (...) Falar de amor, por corações móveis, imortalizados em produções humanas é achar brechas em muros duros de medos coletivos. Medo de sofrer. De sofrer sozinho. De sofrer com o outro. De sofrer pelo outro. (...) Uma gangorra insensata entre o desejo e o medo. Entre o querer e o não querer. Se pudéssemos procurar as respostas nas figurinhas de amar é... Mas não podemos. Amar é... entregar-se ao desconhecido (CARVALHO; GUIDO, 2018, p. 121).

São múltiplas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2019) presentes no pulverizar corações pelos muros, janelas, portas, cadeiras, mesas, cadernos e corpos da escola: tentam escapar incessantemente das articulações docentes-curriculares-escolarizadoras que buscam dizer-dizer-dizer como devem ser e o que precisam fazer. O cartógrafo percebe estas artimanhas e tem que fazer um complexo trabalho de certa curadoria: escolher quais desvios cercar para cumprir com o que lhe é demandado acerca de saberes curriculares das ciências da natureza, e quais deixar livre para que o pensamento e a criação possam fluir. Haveria espaço para experimentar uma educação que acontecesse na vida, com a vida e pela vida (SALES; RIGUE; DALMASO, 2023)¹¹?

Neste trabalho curioso de lecionar os conteúdos de ciências da natureza, tentando experimentar uma educação na/com a/pela vida (SALES; RIGUE; DALMASO, 2023), também percebe ser potente pensar nesses corações que habitam a escola. Mais uma vez, Carvalho e Guido (2018) o instigam a refletir sobre os corações que batem em nossos corpos, e nos que ressoam para além do bio-lógico: “Um órgão materializado em nós, que tem suas características anatômicas, fisiológicas e bioquímicas descritas em exaustão pela ciência. Mas que pulsa para

¹¹ Sobre uma educação que aconteça na/com a/pela vida, Tiago Sales, Fernanda Rigue e Alice Dalmaso (2023) refletem que: “Insurge, em nós, o desejo por agenciar encontros que aconteçam na educação em ciências da natureza pelas derivas, pela fuga das casas, das seguranças, das inércias, estando atentos/as às multiplicidades que habitam em nossos corpos, em nossas salas de aula, nas comunidades que formamos e nas aprendizagens possíveis pela-na-com a vida” (p. 15-16).



muito além dos tratados médicos, dos livros didáticos e dos compêndios de cardiologia” (p. 120).

É este coração que está além dos tratados biomédicos que é mobilizado quando as alunas – a maioria do gênero feminino – que, insistentemente, se recusam a realizar as tarefas docentes, colocam-se nos movimentos desejosos de escrever cartas de amor. O cartógrafo-professor percebe que são justamente estas meninas que geralmente têm a coragem de desenhar corações e escrever textos declarando o que sentem. No chão da escola, também encontra alguns poucos meninos que se engajam na aventura de jogar ao outro os desenhos.

Nos cotidianos estudantis, ele percebe estudantes meninas que namoram outras meninas, meninos¹² que namoram meninos, meninos que namoram meninos, meninas que namoram meninos e meninos que namoram meninas – múltiplas configurações de amar e de estar junto. Muitas/os/es envolvidas/os/es nestas dinâmicas vêm a ele – o professor de ciências e também uma pessoa que tenta se colocar no movimento de respeitar e escutar o que aqueles jovens têm a lhe ensinar – tirar dúvidas diversas sobre corpo, gênero, sexualidade, e também sobre a complexa tarefa que é construir relações. Muitas vezes, ao escutar tudo aquilo, nada tem a dizer, e apenas reflete acerca da importância de cultivar espaços de acolhimento, de escuta-e-fala, de solidariedade e de cuidado uns com os outros, reconhecendo as possibilidades de viver as diferenças e a nós mesmos.

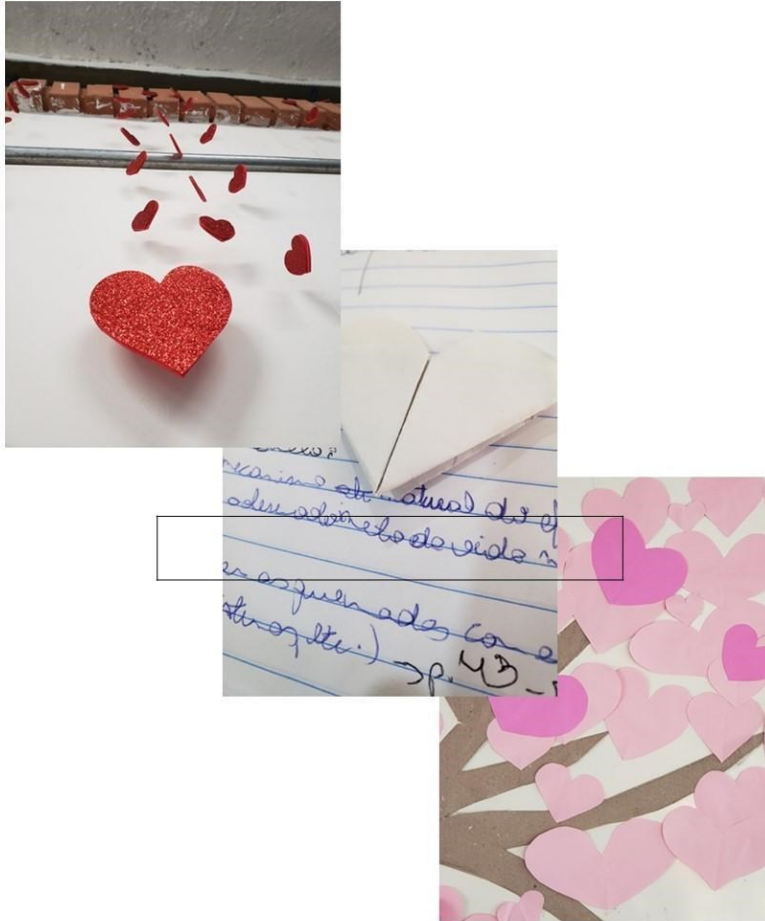
Com toda aquela dinâmica, percebe que, na escola, se movimenta muito do que se chama de cultura escolar e produção de subjetividades para quem e além da escolarização. Tomaz Tadeu da Silva (2011), em seu célebre livro *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, vai, justamente, pontuar como os currículos escolares – e os que estão quem e além da escola – produzem modos de ser e de estar, criam identidades na medida em que também as pulverizam. Os currículos podem dissolver certas linhas de existências e instaurar outras maneiras de ser, de estar e de tornar-se.

Neste retorno à escola, então, percebe que muito lá ressoa e também se tensiona. Nos corações na escola ocorrem, então, transbordamentos do amor nos espaços muitas vezes (im)prováveis. É hora de estar atento a tudo aquilo que lá ecoa.

¹² Nesta e em outras partes do texto, tensionam-se as expressões de gênero para remeter à diversidade de maneiras de ser e de se expressar, sobretudo no que diz respeito às dimensões de gênero, nos cotidianos escolares.



FIGURA 1 – Corações de professores/as.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.

O amor na/com/pela docência

O cartógrafo-professor se irrita às vezes ao ver discursos que romantizam a profissão docente ao nível de falar em um trabalho que se alimenta apenas por amor. Certa vez escutou de uma colega que “se deve trabalhar com amor, e não por amor”, e sentiu que fez sentido. Ele percebe que chegar nas salas de aula é se deparar com uma série de questões

que permeiam as desigualdades socioeconômicas e as tramas do sistema colonial capitalístico neoliberal – como bem já nos ensina Suely Rolnik (2018).

Os/as professores/as escolares com quem convive estão, em grande parte, cansados/as. Exaustos/as, para ser mais sincero. Os/as estudantes também. Eis a sociedade do cansaço (HAN, 2017). Ele, tão novo – como é rotulado por colegas –, às vezes se sente exaurido pela (sobre)carga de trabalho, pelas demandas, pelas expectativas – dele e de seu entorno – e pelo constante impacto – e atrito – com a realidade. Com isto, parece que se afasta do amor que permeia a educação. Mas, ao adentrar um pouco mais nesse rico caldo que é a vida na-com-



pela educação, percebe que o amor é a única saída para permanecer vivo, saudável, e isso se dá nesses espaços.

Sobre estes assuntos, Azzolin e Barcelos (2021) defendem o caminho do amar na docência, sendo este um processo que ocorre ao acordar-se para o presente, construindo um espaço de colaboração e cooperação: “Ao trilhar o Caminho do Amar, no nosso fazer, precisamos ‘acordar’ o que já está em nós, através da cooperação e da percepção da nossa legitimidade e da legitimidade do outro, vivendo e convivendo sem tantas expectativas, vivendo sempre no presente” (p. 17). Eis a sutil experiência de buscar a arte de trilhar na educação os caminhos do amar.

Já que a escola é feita pelos encontros e pelos seres que podem, ao estarem juntos, cooperarem, então resta, talvez, ao cartógrafo e jovem professor – e também a quem isto faça sentido – estar atento aos tantos afetos que lá se cruzam, e aos sentimentos que transbordam. Corações supitam e extravasam nas paredes escolares, nos cadernos estudantis, nas cartas de amor, nos presentes, nos gestos mínimos. Nas salas das/os professoras/es, nos corredores, nos presentes e nos amores, corações multicores feitos por e para eles/as – como na Figura 1 –, para eventos, celebrações, respiros e testemunhar outros sabores.

Nas possibilidades de habitar um chão da escola, eis a beleza de amar e de estar vivo: os encontros em que aprende-se juntos/as.

Cartas de amor

“Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas”, recita Maria Bethânia¹³ o poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando

¹³ A cantora recitou este poema na abertura de seu espetáculo e disco *Carta de Amor*. É possível ver tal parte do show no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=-6utkxYcBuM&ab_channel=BiscoitoFino> (Acessado em 20/10/2023).

Pessoa. Na escola, as cartas de amor se multiplicam entre as/os estudantes – como na Figura 2.

Seriam todas elas ridículas em suas intensidades?

O cartógrafo percebe que a maioria dos textos epistolares na escola são escritos espontaneamente, pelo desejo de jogar ao mundo os afetos que transbordam e pedem passagem (ROLNIK, 2016) mas, também, há cartas solicitadas pelo saber-poder docente: endereçadas à família, ao mundo, ao futuro, à educação. Nas escritas que emergem de atividades escolares surge a possibilidade de

FIGURA 2 – Cartas de amor na escola.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.



movimentar a potência criativa de cada estudante.

Na escola – e nas escritas presentes nos papéis – os corpos vibram pelo desejo de se

FIGURA 3 – Corações no lixo.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.

encontrarem com outros corpos. Animam-se com os olhares, com os hormônios, com as possibilidades de cultivar amizades, de conhecer, de desvendar, de criar narrativas, de experimentar, de forjar conexões afetivas, de declarar e manifestar a intensidade plena de amar e ser amado. Também se entristecem com as decepções, transbordando em lágrimas, em muitos momentos. “Palavras

fortes / Lágrimas juvenis / Intensidades” (SALES, 2023b, p. 6). Estas águas que extravasam pelos olhos, que criam e molham as cartas de adeus, também podem ser formas de se aprender mais sobre a vida e o coração.

Quem nunca viu alguém chorando em uma escola? Curtos períodos de tempo separam lágrimas de tristeza, medo, raiva, dor, de outras de risos. As salas de aula, os banheiros e os pátios escolares são os territórios que abrigam isto tudo – e muito mais! São tantas as



intensidades da adolescência. Os términos de relacionamentos, sejam eles amizades, sejam eles namoros, parecem o fim do mundo – e talvez, de fato, sejam o fim de um mundo. Mas, antes que se perceba, já é possível reconhecer novos arranjos nos espaços de convivência juvenil.

Como a personagem Júlia tensiona, no livro *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei (2021), “Desde quando sabemos de todas as coisas que acontecem no mundo se mal sabemos o que se passa no fundo de nosso coração?” (p. 213). Tanto as cartas de alegria quanto as de raiva, de tristeza, de medo e de saudade, direcionadas às amizades, aos namoros ou a familiares, permeadas por alguma dimensão do amor, são possibilidades de, pela escrita epistolar, transbordar um pouco mais o que se passa no coração e, logo, conhecer o que acontece no mundo: no universo de cada estudante e também na composição entre-pessoas-e-afetos que os circundam.

São currículos cotidianos do amor em seus movimentos, em seus fins e começos. Entre tantas emoções e algumas aulas que, para os/as estudantes, podem parecer entediantes ou se apresentarem como territórios seguros para transbordarem-se em emoções, tecem-se cartas de amor, permeadas de desenhos, de letras, de músicas e de declarações. É pura intensidade.

Corações nos lixos

Cartas rasgadas

Emoções despedaçadas

Jogadas no lixo

Da sala

Entregues

Ao lixo

Dos caminhos

No fundo de um coração

Lixo



Emoção adolescente
Força eloquente
Fluxo transbordante
Restos de uma aula
Da vida
Migalhas
Em raiva, paixão, rancor
Agora é o fim
Amanhã não sei
E depois, ninguém
também sabe
Dos corações entregues
Ao tempo
Ao vento
Aos sentimentos
O que virá?

Corações rabiscados

Em riscos, pelos quadros
Entre paredes, vidros e
abaixo dos sapatos
Os corações rubricados
Ocupam os espaços

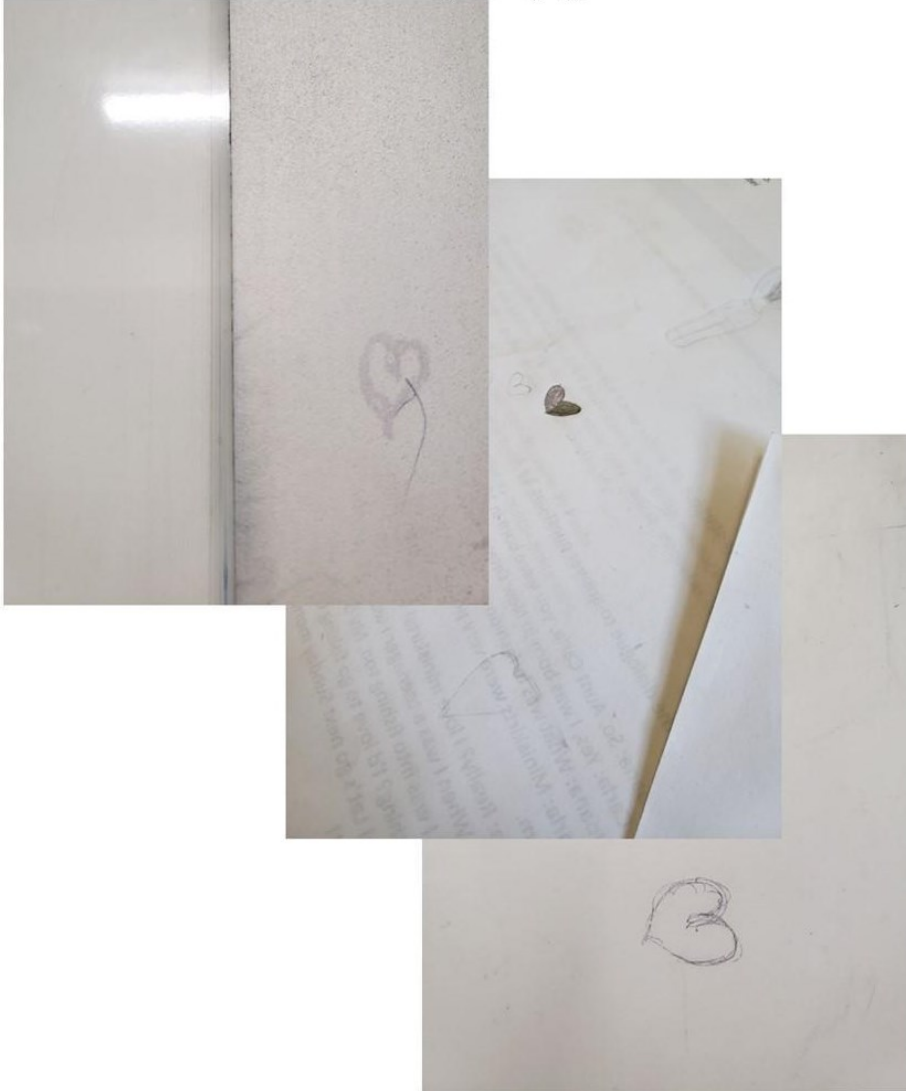
FIGURA 4 – Corações rabiscados.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.



FIGURA 5 – Marcas de corações apagados.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.

Andar pela escola é se misturar com estes tantos corações que compõem aqueles espaços (Figuras 3 e 4). Eles fazem companhia a quem lá está: são retratos de vidas que ressoam a intensidade de ser jovem, de desejar, de querer, de tentar se expressar. Quiçá, cada dos desenhos e marcas anunciadas nos cantos escolares também são vivos: pulsam, batem forte, fazem junto.

As modificações arquitetônicas dos riscos e rabiscos se misturam

com as percepções do cartógrafo-professor e, nestas composições, percebe ser possível também constituir territórios em suas intensidades. Os corações docentes e estudantis seguem batendo enquanto lá estão, bombeando o sangue em suas cavidades, distribuindo os gases e nutrientes necessários aos nossos corpos: sem eles não se pode viver. Assim, percebe-se “que nas pessoas habitam corações. Biológicos. Mas para muito além disso” (CARVALHO; GUIDO, 2018, p. 129). Corações que batem e transbordam em riscos e rabiscos, expressando o que não cabe mais no corpo e precisa vazar.



Os corações manifestados nas grafias anunciam a vida que supita e, em plena rebeldia juvenil, quer deixar registrada a sua presença. Resta estar atento/a ao que se pode com eles viver, sentir, afetar e aprender.

Corações apagados

O que fica de algo que foi intensamente vivido? Existiria o fim de um grande amor? E quando a (des)ilusão apresenta-se como maior do que qualquer memória dos encontros, das composições afetivas, dos atritos entre expectativas desmedidas e as reais possibilidades, das vidas que se misturavam e, seja pelo que for, decidiram – ou não tiveram outra saída – seguir separadas?

Pelos cantos da escola o cartógrafo-professor percebe corações desaparecendo nos rastros do tempo, como na Figura 5. São tantas histórias escritas – e apagadas – dentro – e fora – das escolas. Nas salas de aula, os/as estudantes se encontram, se conhecem, vivem e aprendem juntos/as. Eles e elas estão lá: vivos/as. Nesta juventude pulsante, ousam experimentar também possibilidades de construir relações.

O cartógrafo-professor reflete que, quando se fala de jovens humanos, este pode ser – e geralmente é – um assunto tabu, estigmatizado, negado de ser pensado, dito e escrito: ‘pequenas pessoas’ – expressão que escutou certa vez de uma colega supervisora escolar ao se referir aos sujeitos com que e para que a escola trabalha – têm desejos e, imersas em culturas que, literalmente, cultuam o estar juntos/as, também querem experimentar. Ele percebe que é justamente na escola que a juventude vai ensaiar, muitas vezes, as primeiras formas de se conhecer com e no outro, de estar com o outro e também de se separar – da família, dos amigos, das ideias antigas, dos sonhos do passado, das expectativas do futuro, do que se foi, do que será. Estar com e deixar para trás faz parte também dos currículos que se materializam no chão da escola.

Poderiam aprender – lá e em outros espaços – modos de se relacionar de formas saudáveis, com cuidado de si e do outro, cultivando o respeito e a solidariedade? Que currículos têm investido nestas dimensões, e como? E desta trama tecida no chão da escola, o que resta de espaço para ser vivido quando se tenta, incessantemente, apagar as possibilidades de amar? São

muitas as separações que ocorrem na escola: seja das amizades apartadas nas salas para que as aulas possam acontecer sem tantas interrupções, pelos namoros proibidos nos pátios em decorrência de

posicionamentos morais e, muitas vezes, religiosos, pelas reclamações de mães, pais e outros responsáveis, ou por pura vontade da direção, vice-direção, supervisão e corpo docente de finalizar histórias entre a juventude. Inclusive, será que, dentro e fora das escolas, as parcerias homoafetivas receberiam a mesma validação e tentativa de separação que as heteroafetivas?

Quais narrativas insistem em nascer – e sobreviver – nos

espaços escolares? Como conseguem criar artimanhas para fazer isso? Entre o tanto que é proibido e o que é possível de ser vivido, corações são marcados nas paredes, mesas e em papéis. Muitos são apagados, mas, mesmo nestas tentativas, insistem em permanecer em resquícios do que foi vivido e segue presente nos corpos, em intensidades.

Corações... em vermelho vivo

FIGURA 6 – corações em vermelho.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.



Corações vivos. Intensamente vivos. Sangrantes, logo, vivos. Quantos não vivem apenas pelo coração? Muitos, inclusive, em sua insuficiência, precisam de um transplante.

Entre diferentes canções que embalam a juventude, as músicas de *funk*, sertanejo, forró e *pop* internacional compõem com os sonhos e desejos estudantis, ressoando pelos intervalos escolares. As risadas, *eletrohits* e sofrências se misturam com embalos entre existências que insistem em se movimentar, viver e dançar – ou, muitas vezes, se recolher, esconder e silenciar pelos espaços estudantis. Com canetas e suas tintas vermelhas, em folhas de papel e nos cantos da sala, marcam os seus corpos, em cor-de-sangue (Figura 6).

Corações biológicos, artísticos, afetivos. Corações em composições, mostrando o silêncio que insiste em ecoar. Corações para sentir o mundo: “Aprendemos a escutar os afetos que pulsam no peito quando saboreamos em desejos, em sensações, em forças, seja a partir dos barulhos de batimentos ou dos silêncios que nos conectam” (SALES; CARVALHO, 2022, p. 692). Corações que, nas sutilezas, timidez, delicadezas, anunciam uma presença que está aprendendo a ser... humana? Pessoa? Sujeito? Amante? Estudante?

Nas suas aulas de ciências da natureza, a atenção do cartógrafo-professor tenta direcionar os estudantes aos conteúdos, mas, ao perceber as tantas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2019) ali presentes, não consegue sufocá-las, pois não quer ser responsável por matar aqueles devires. Naquele momento, ele precisa entrar em um território potencialmente minado e de escolhas difíceis – visto que é cobrado por currículos institucionais, oficiais, culturais, (in)formais, ocultos, materializados em tantas instâncias – mas que são necessárias: saber conduzir os saberes acerca das células, da genética, das substâncias, das reações, da astronomia, da zoologia, da botânica, da ecologia, da educação ambiental, do corpo, da vida, da coexistência entre diferentes existências, sem matar aqueles fluxos afetivos de criação.



Poderia aliá-los aos corações estudantis? Quiçá, articular tudo aquilo em ensinagens que aconteçam na-com-a-pela vida (SALES; RIGUE; DALMASO, 2023)?

FIGURA 7 – corações em/de papel.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.

múltiplos caminhos na docência-estudo-vida-formação.

Corações nos papéis

Eis uma sutil atitude ética-estética-política de presença e mediação curricular entre o que é demandado dele pelas bases nacionais, estaduais e municipais, pela direção e supervisão escolar, por ele próprio, pelas famílias estudantis, pelo mercado de trabalho, pelas universidades, pela sociedade, pela cultura, pelo tempo, e... e... e... junto da percepção do que flui, movimenta-se, pede passagem e precisa seguir para existir. O amor, quem sabe, pode ser a abertura de



Pela escola, eles estão lá. Alguns jogados pelos cantos, caídos pelas salas, pátios e corredores, sendo pisoteados, às vezes resgatados e tantas outras vezes rasgados. Outros, descartados sem cuidado nenhum: despedaçados e destinados ao lixo – quando não são largados pelo chão –, perdidos no tempo, destroçados pelos caminhos. Amontoados pelos cadernos, escondidos nos estojos, gravados nas carteiras, colados nas paredes. Alguns emendam o que precisa se juntar, outros separam o que necessita ir (Figura 7).

“Quanto querer cabe em meu coração?”¹⁴, questionamento ritmado por Djavan. Talvez o enredo sonoro ideal fosse embalado por Marília Mendonça, Anitta ou Taylor Swift, como tanto amam as/os suas/seus estudantes – e que ele confessa também gostar e se alegrar ao escutar pelos cantos escolares, aprendendo com a juventude ao conhecer novas canções e modos de sentir e lidar com as emoções –, mas mobiliza nestas cartografias o que lhe é mais próximo, familiar e possível. Lembra de seus amores, dores, sabores e vivências ao observar tudo o que acontece ali. São devires com os estudantes e com o coração. Sabe que a vida é grande e que se aprende com os caminhos: foi assim com ele, será assim com tantxs¹⁵ que habitam aqueles territórios escolares.

Nestas incongruências entre currículos-e-corações, pensa: o que poderia fazer para cultivar o amor nos espaços escolares? De que maneiras seria possível aprender a amar? Corações que arrepiam os pelos e arrancam os cabelos, que permitem cantar, gritar e silenciar. Juntos, compõem com as ensinagens, criando um território-vida do que se aprende, se percorre, se experimenta. O papel do coração – tanto em suas pretensas funções quanto em sua possível materialidade extracorporal produzida a partir de folhas recortadas – é da ordem também do indizível: acontece na sua feitura, na sua vivência, na sua percepção: ele está lá, ali, aqui, acolá. Com o coração, fazem: o eu torna-se plural, extravasam e compõem com o outro. Está com todos, está em cada corpo, em cada um.

Corações partidos

¹⁴ Música *Samurai*, de Djavan.

¹⁵ Uso o “x” em “tantxs” intencionalmente aqui para flexionar as tantas possibilidades de ser e existir dentro e fora da escola.



Nem tudo são flores. Também existem os espinhos que podem proteger e fazer sangrar. Parece, neste momento, quase ser possível escutar os versos “O trem que chega é o mesmo trem da partida. A hora do encontro é também despedida”¹⁶ na voz Maria Rita. A vida não é só feita de encontros: são muitos os desencontros que a permeiam. Neles, também é possível aprender: eis, quiçá, um currículo da partida, das ausências, do seguir em frente, do viver um luto, do choro compartilhado, das cartas rasgadas, do embalar-se com a ‘sofrência’ – seja no brega, no forró, no sertanejo antigo ou universitário, no pagode, nas músicas estadunidenses ou até nas sul-coreanas – que ecoam pelos corredores escolares.

Entre as altas risadas, também estão muitas lágrimas que borram maquiagens e molham os livros e cadernos. Naquelas salas, comumente era possível observar alunas – sobretudo meninas – chorando em tantos momentos. São esses atravessamentos que movimentam as águas que escorrem em seus rostos e, inclusive, a própria produção de subjetividades e de gênero que leva as alunas a sentirem que podem – e devem – expressar mais os seus sentimentos, vivendos. Já os meninos são ensinados a conterem, guardarem, recalcarem.

Um ser ‘masculino’ também pode chorar? E os tantos estudantes que têm os seus corações partidos, seja pelas notas ruins, seja pelos términos, pelos atritos familiares, pelas decepções com a vida... são eles ‘menos homens’ do que os que sublimam e extravasam tudo isso?

Nas águas que rolam e transbordam pelos corações partidos (Figura 8) – eternizados nas mesas, nas cadeiras, nos muros, nos quadros, nos cadernos, nas cartas, nos bilhetes, nas canções, nos gritos e, muitas vezes, até em tatuagens e cortes nos próprios corpos – está muito em jogo. São currículos também de produções de maneiras de se entender e se relacionar, de viver, de se

¹⁶ Música *Encontros e Despedidas*, de Milton Nascimento, eternizada também na voz de Maria Rita.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 33, n. 1, p. 1-30, e-rte331202436, 2024.



encontrar, de ser – menino, menina, menino¹⁷, estudante, amante, sonhador, sonhadore, sonhadora, e... e... e... em múltiplas possibilidades.

Quiseram as juventudes de tantas gerações que existisse uma cola para grudar os pedaços quebrados dos corações dilacerados pela vida, pelos desamores e pelos desencontros. Mas, também, é justamente nesses tombos, nessas decepções, nesses tropeços que tanto machucam ao saltar sem paraquedas em mares rasos, ao cultivar expectativas descabidas e ir com tanta sede a fontes quase secando, que se aprende a ser mais

resiliente, a ter mais ‘pé no chão’, a olhar a realidade e o mundo com mais calma, sensatez – e certa frieza.

Quebrar-se e juntar-se para então quebrar-se novamente: eis a poética da vida em seus movimentos – não desprovida de certa carga dolorosa, talvez impossível de ser anestesiada totalmente, e até necessária para que se crie um pouco do tanto que a embeleza visceralmente.

FIGURA 8 – corações partidos.



Fonte: Registros do autor de espaços e cotidianos escolares.

¹⁷ Expressões de gênero para incluir e remeter à diversidade de maneiras de ser e de se expressar, sobretudo no que diz respeito às dimensões de gênero, nos cotidianos escolares.



Nas quedas, quiçá, seja possível aprender a não se desterritorializar tanto: o amor é para construir territórios e, quem sabe, como nos ensina Rolnik (1994), ele pode parecer impossível em meio às figuras binárias da ultradesterritorialização e desejo incessante de conquistar todos os territórios. Mas, caso estejamos desavisados e abertos, outras suavidades são possíveis (ROLNIK, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica dos/nos corações? O que segue ressoando das/nas juventudes, currículos, e... e... e...? Como o amor em contextos estudantis – junto dos corações transbordantes – profana os currículos maiores e, em suas brechas, instaura possibilidades menores¹⁸ e currículos desviantes para se viver desejosa e intensamente?

São muitas questões para seguirem ebulindo em pensamentos-vidas pelos tantos afetos agenciados na/pela/com as escolas e as juventudes. Neste texto, com os movimentos intensivos do cartógrafo-pesquisador-professor, sempre atento ao que acontecia no chão – e muros e portas e mesas cadernos e corpos e vidas e... – da escola, foi possível (re)pensar algumas presenças e ausências que se fazem nos cotidianos estudantis. O amor foi pincelado nos registros fotográficos e nas escritas como caminho possível para aprender e constituir-se, pelo encontro com o outro.

Cartografar as linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2019) estudantis é uma forma de, quiçá, mobilizar o amor como ética de vida (hooks, 2021) possível também na docência, no caminho do amar (AZZOLIN; BARCELOS, 2023). Dimensões de gênero, sexualidade, juventude e múltiplos saberes são tensionados pela atenção aos corações, ressoando a força do desejo que movimenta vazões em criações cotidianas. Estas presenças vivas ressoam o que se aprende com a cultura, com os currículos maiores, mas que também ensaia outros modos de

¹⁸ Esta noção de currículos maiores e menores inspirou-se nos conceitos de maior e menor mobilizados pelos filósofos Deleuze e Guattari (2017), deslocada por Sílvia Gallo (2002) para pensar também em uma educação menor. Percebo que estes currículos menores são o que acontece cotidianamente, nas brechas, que foge ao que é determinado, às tramas dominantes, e se cria nas vazões possíveis. Alguns trabalhos em que trabalho estas questões de educação menores são: Sales e Estevinho (2021) e Sales (2022b).



fazer currículos, de viver, logo, de sentir, incorporar e vibrar o que acontece (DELEUZE, 1974; SILVA; CORAZZA; ZORDAN, 2004) na/com a escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este texto à querida Daniela Franco Carvalho. Amiga, professora, parceira de pesquisas e de escritas, minha eterna orientadora. Ela me possibilitou experimentar uma docência com o amor como ética de vida e me ensinou a estar atento aos corações que encontro pelos caminhos cotidianos, contagiando as minhas derivas enquanto com eles aprendo a pulsar em afetos. Com estas inspirações, coloquei-me em movimento para mobilizar as investigações que culminaram também neste artigo.

REFERÊNCIAS:

- AZZOLIN, M. A. N.; BARCELOS, V. H. de L. A busca pelo caminho do amar: o SER e o FAZER na docência. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 24, 2022.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BEI, A. **Pequena coreografia do adeus**. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2021.
- BLANCO, S; CAMPANELA, E; CONCÍLIO, V. A Autoficção: uma engenharia do eu. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 48, p. 1–18, 2023.
- CARDOSO, L. R.; PARAISO, M. A. Tecnologia de gênero e a produção de sujeitos no currículo de aulas experimentais de ciências". **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, 2015, p. 155-177.
- CARVALHO, D. F.; GUIDO, L. F. E.. Corações para além do biológico em processos de questionamento do mundo. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 115–130, 2018.
- COCCIA, E. **A Vida das Plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. 2. ed. São Paulo, Ed. 34. 2019.



DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **KAFKA: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GALLO, S. EM TORNO DE UMA EDUCAÇÃO MENOR. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 169-178, jul-dez. 2002.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

ROLNIK, S. **Amor: o impossível... e uma nova suavidade**. Palestra apresentada em 1994 sob o título "O amor anda impossível?". PUC – São Paulo: Núcleo de Estudos da Subjetividade, 1994.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SALES, T. A.; CARVALHO, D. F. Devir-comida: corpo, afetos e educações em encontros gustativos. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 13, n. 38, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26514/inter.v13i38.6107>

SALES, T. A.; RIGUE, F. M.; DALMASO, A. C. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, v. 48, p. 1-24, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vs01>

SALES, T. A. A escrita como modo de vida: potências contemporâneas para a (pesquisa em) educação. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 16, n. 3, p. 1–11, 2023a. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68236>

SALES, T. A. CRESCER, VOAR, ESCORRER: POESIAS ESCOLARES. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 01–06, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.75942>



SALES, T. A.; ESTEVINHO, L. F. D. Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 290–311, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.484>

SALES, T. A. Quando o Cartógrafo vai a Campo: travessias e poéticas de um jovem professor. **Revista Teias**, v. 71, n. 23, p. 24-41, 2022a. DOI:

<https://doi.org/10.12957/teias.2022.70186>

SALES, T. A. **Educações menores em HIV/aids: o que pode a educação em ciências e biologia em cartografias audiovisuais?** Uberlândia: UFU, 2022a. 187p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022b. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.468>

SILVA, T. T.; CORAZZA, S. M.; ZORDAN, P. (org.). **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOBRE A AUTORIA:

[*] Doutor em Educação – Professor na Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Pós-doutorando na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026> – E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Submetido em: 24 de outubro de 2023.

Aprovado em: Abril de 2024.

Publicado em: Maio de 2024.